

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMPETIÇÃO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

Madalena Duarte

A agudização do contexto de risco suscitado pela pandemia de COVID-19 trouxe a necessidade de confinamento social e propagou-se, por todo o mundo, a mensagem “Fica em casa”, apelando ao espaço íntimo como ideal de segurança pessoal. Contudo, para muitas pessoas, na sua maioria mulheres, o receio do espaço público pelo risco sanitário é concorrente (ou suplantado) pelo medo do espaço privado, onde a violência corrompe o imaginário de intimidade e proteção. O aumento das denúncias de violência doméstica em alguns países durante o período de confinamento social causou alarme social e obrigou à tomada de medidas urgentes, nomeadamente de reforço dos serviços de apoio às vítimas. Contudo, a indispensabilidade destas medidas não deve evitar que questionemos o paradigma mais amplo, senão de combate, pelo menos de resposta às situações de violência nas relações de intimidade. O contexto pandémico evidencia que não basta adaptar as respostas e serviços já existentes a um contexto virtual e de emergência para fazer face a essa realidade; é necessária uma reflexão crítica e feminista acerca das políticas dirigidas a este tipo de violência. Não podemos esquecer que: (i) muitas destas mulheres já se encontravam em situação de isolamento social; (ii) a pandemia vem reforçar um contexto previamente marcado pela precariedade e pela desigualdade de género em várias esferas da vida social, o que fomenta a violência; (iii) as mulheres vítimas de violência experienciam, simultaneamente, diferentes formas de opressão e de controlo social, uma vez que estão imersas em contextos sociais onde o patriarcado se cruza com outros sistemas de poder que as fragilizam, como o colonialismo e o capitalismo.

Temos, pois, o cruzamento entre um cenário estrutural, produzido ativamente pelo patriarcado, e um contexto ocasional, mas de emergência, provocado pela pandemia que pode intensificar as situações de abuso.

Para as vítimas de violência, ao contrário do que é prometido a todos/as nós, o final da pandemia não permite o regresso à normalidade, pelo que as medidas a adotar neste âmbito devem ser dirigidas igualmente às condições e processos que contribuem para a sua vulnerabilização quotidiana: (i) a prevenção primária deve continuar a ser uma prioridade; (ii) as medidas devem ser capacitadoras e permitir que o lar seja, efetivamente, um espaço de segurança, devendo combater-se ativamente a ideia, disseminada na sociedade e na arena legal, de que a mulher deve sair de casa para escapar à violência; (iii) além disso, as medidas devem ter em conta a situação económica das mulheres pré e pós-pandemia e reforçar a sua posição no mercado de trabalho, valorizando as suas múltiplas funções; (iv) tal como o que está a ser feito em relação à pandemia, também no âmbito da violência é necessário um olhar interseccional sobre as suas causas e impactos nas vidas das mulheres.

A pandemia atual tem-se revelado particularmente grave para as mulheres mais velhas e de classes sociais mais baixas. Mas, também as mulheres imigrantes, refugiadas, de minorias étnicas e culturais, de orientações sexuais não normativas, entre muitas outras, se encontram mais nas margens da sociedade. Se tal é preocupante em contextos de paz social, política e económica, é-o ainda mais numa altura crítica como a que vivemos presentemente.